

As Raízes da Resistência

Pe. João Felgueiras

Começemos pelo sândalo... e pelo nome Timor

Considero o sândalo como o primeiro «embaixador» da Ilha de Timor. A qualidade do seu sândalo atraiu os comerciantes chineses, e estes terão já falado de Timor, e em chinês, de Timor e do seu sândalo.

Passados séculos, quando se completava a primeira volta ao globo terrestre com o navegador português Fernão Magalhães, foi também logo recolhido pelos cartógrafos o nome desta ilha. Em breve, o mesmo nome de TIMOR, com o seu verdadeiro significado, entrava pela mão e coração de Camões, no universo cultural do Património da Humanidade, por meio de *Os Lusíadas*.

O comércio chinês, talvez do século XII, os cartógrafos do século XVI, os comerciantes, os missionários e a cultura lusíada puseram diante de nós, como um «pódio» de atenções, o Timor Lorosa'e, aquela terra onde o mundo começa! A terra que o sol, em nascendo, vê primeiro. Certamente que houve séculos de comércio do «odorífero sândalo». Mas vir contactar, transmitir, ficar e dar algo que irmanasse, foi sendo trabalho lento, quase sem plano à vista.

Mas, com os portugueses daquele tempo, havia sempre um «plano» para se fazer aos oceanos. Comerciar e evangelizar.

O contacto de chineses e portugueses perdurou. Com os portugueses em Macau, depois de Goa e Malaca, ligou-se religiosamente e culturalmente estes povos. Em 1975 havia milhares de chineses, a quem vulgarmente chamávamos «China Macau». E eles falavam chinês, tétum e português. Não se implementou a língua chinesa, a não ser entre a etnia chinesa, mas lentamente a língua portuguesa.

A História de Timor Lorosa'e estava a ser escrita em português e certamente também em chinês.

Como noutros continentes, naqueles séculos, os missionários eram os que mais precisavam de mais «vocabulário» para poder contactar

Fotografia de Elaine Brière.
Fundação Austronésia Borja da Costa.



«almas», espíritos, corações e levá-los à mudança de critérios, novas ideias, realidades, novas esperanças. Precisavam afinal de um vocabulário mais rico do que o necessário para o comércio daquele tempo.

A esses homens deve a cultura universal o ter transformado em valores culturais formas de fala, muito longe do que até então se conhecia. O próprio clássico da língua, Padre António Vieira, enaltece esse esforço que era feito pelo missionário para, aconchegando o seu ouvido à boca do índio, colher aqueles sons e transformá-los em escrita.

Não só os povos de Timor Lorosa'e, mas mesmo do Sudeste Asiático, encontram na origem da sua escrita e cultura, o mesmo esforço cultural, humano e científico. É assim, como outros povos espalhados pelo Globo, que também os povos de Timor Lorosa'e, que falam os variados dialectos ou línguas, constataam e agradecem que o alfabeto da língua portuguesa, trazido pelos missionários portugueses, os tenha ajudado a transformar em linguagem escrita as suas lendas e histórias e a preservar, incluso, a existência destes dialectos. Com prevalência de alguns.

Com o aperfeiçoamento universal moderno das administrações e de novas formas de missão houve em Timor durante o século passado, empenho para a promoção do desenvolvimento: a escola e o sentido do trabalho e da economia. Bastaria olhar para o nome de Soibada e os edifícios escolares espalhados pelo território naquele século.

Cerca de 450 anos de contacto da cultura portuguesa com os povos de Timor Lorosa'e deu tempo e oportunidade aos povos de todas as regiões de Timor para uma natural osmose ou intercâmbio de valores. Este intercâmbio dava-se, como é óbvio, sobretudo nos vocabulários, até à aprendizagem e uso da língua mais rica de expressão.

No ritmo de então, e neste sector cultural, fomos surpreendidos por uma «invasão» em

forma, e para domínio total. Ninguém se tinha «preparado» em nada para enfrentar a nova situação. Tivemos de «sobreviver» com o que tínhamos! Foi assim, que tudo foi posto à prova, sobretudo as vidas e os valores culturais!

Quase sem estratégia prévia, tivemos de aguentar o assalto maciço a tudo o que fosse mais nuclear para uma possível «consciência» de nacionalidade.

Identidade do povo timorense

A partir de 1974, com as leis de autodeterminação, o povo timorense podia optar pela independência. Mas a invasão, no ano seguinte, parecia varrer do horizonte qualquer hipótese de livre escolha.

O fenómeno de 24 anos de resistência tem causas e forças que devem ser profundamente estudados, mesmo para que o «timorense» se conheça a si mesmo, e encontre os valores que o sustentaram numa epopeia quase única na História. Porque, como é óbvio, o verdadeiro núcleo de valores e energia para resistir estava «dentro», na identidade deste mesmo povo.

Aponto dois ou três destes valores. Não foi apenas o facto de o cristianismo estar quase há 5 séculos em Timor, anunciado por instituições da Igreja Católica como os Dominicanos e os Jesuítas, dirigidos pela hierarquia estruturada da Igreja. Mas esse facto criava laços firmes de solidariedade mundial cristã. Foi no decorrer desta guerra (1975-99) que se desencadeou no seio da comunidade internacional uma quase mística pela dignidade humana e um conseqüente movimento de solidariedade na defesa dos Direitos Humanos.

Um outro factor, a meu ver importantíssimo, foi a termos vivido durante quase 5 séculos num regime de certa comunidade e unidade de uma administração superior religiosa e civil, com os reis, os governos e as autoridades religiosas que governavam desde um centro. Terá

sido pouco o que fizeram, mas houve séculos de «vida comum», de seguimento das mesmas leis, da mesma fé e da mesma língua.

Poderei deduzir o seguinte. O povo timorense durante 4 séculos conheceu e desenvolveu

valores superiores comuns, esteve em contacto com dirigentes de valor, como governantes, bispos missionários, funcionários de diversos continentes ligados na mesma administração e usando e ensinando a mesma língua.



Assim, penso que a Língua Portuguesa, durante 450 anos, em Timor, bem como a Administração Portuguesa e a acção cultural e espiritual do cristianismo podiam olhar para o povo timorense vendo este de pé, com heroísmo no campo de batalha pela sua independência.

Na minha análise, além das qualidades humanas do próprio Povo, foi a Língua Portuguesa, bem como a «sua família de povos» e a formação cristã ao longo de séculos, que adestrado tudo adestrado o Povo Timorense para enfrentar gigantes.

A escolha da língua portuguesa

Uma grande e esclarecedora dedução do evoluir da história em Timor. A Língua Portuguesa estava tão arraigada já de séculos em Timor, que a destruição resultante da invasão fez despertar no Povo a sabedoria para a transfor-

mar numa arma eficiente de defesa e de resistência.

Em Outubro de 1975, dizia-me, no Quartel-General de Taibessi, o líder Nicolau Lobato: «Nós escolhemos como Língua Nacional de Timor a Língua Portuguesa».

Passados quase 4 anos, Nicolau Lobato tomava heroicamente em luta, como num altar, nas altas montanhas de Timor. Consigo levava sempre o Crucifixo. A cultura, a fé, a comunidade que se criou em quatro séculos explicam muito o mistério da epopeia de Timor Lorosa'e. É necessário que os adultos não o esqueçam e que a verdade seja dita aos novos.

O génio da Língua Portuguesa, que já estava na medula da identidade cultural de Timor, conseguiu cultivar o ensino desta língua, mesmo nos piores tempos das perseguições da «Intel» indonésia. Assim, é de admirar que só depois do Massacre de Santa Cruz (12 de Novembro de



© EDUARDO CABREJO



© REGINA SANTOS

1991) se atirassem definitivamente contra o «Externato de São José».

As forças invasoras bombardearam e destruíram o Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Dare, a uns 10 quilómetros a Sul de Díli, pelas 10 da manhã do dia 13 de Dezembro de 1975. Milagrosamente escapámos todos com vida, os que nos abrigámos debaixo dos fortes bancos da Capela. Porém, os livros da Biblioteca contígua é que não escaparam ao poder dos morteiros. Vimos muitos livros verdadeiramente «serrados» pelos estilhaços. As chuvas da época foram tão destruidoras como os morteiros de

120 mm. O barro das paredes misturado com a chuva transformou os livros nuns «tijolos». Pois destes destroços os Seminaristas de então conseguiram salvar milhares de livros. Entretanto, os oficiais que nos visitavam e observavam aqueles livros de novo ordenados, em estantes noutra lugar, e vendo que eram em português, pediam para nós os queimarmos! Eram para nós uma relíquia. Em 1978, transferimos o Seminário para a cidade de Díli. E os tais livros, salvos da barbárie, foram transportados cuidadosamente pelos Seminaristas para uma nova Biblioteca, no Colégio Bispo Medeiros.

Feita nova mudança do Seminário, então os livros ficaram ali «abandonados»... Já não havia ali mãos timorenses a cuidar dos livros portugueses. E foi então que, de novo, em gesto de valor cultural e significativo, se realizou nova operação. O Pe. Alberto Ricardo e o Pe. Basílio do Nascimento, apercebendo-se do novo perigo que corriam os livros da sua antiga biblioteca, tomaram ao seu cuidado transportar, de novo, todos os livros, para a Câmara Eclesiástica... Hoje todos choramos o que aconteceu, por fim, aos livros da Biblioteca do Seminário e à documentação, que ali pereceram a 5 de Setembro de 1999, ensopados talvez com o sangue dos timorenses ali massacrados.

Este episódio bem pode ficar como um símbolo do que o povo timorense fez pelo «Livro em Português».

O milagre da escola de formação lusófona

Quando Monsenhor Martinho da Costa Lopes, com o apoio dos padres Felgueiras e Martins, reabriu o Seminário em Maio de 1978, com 12 Seminaristas, tivemos dificuldade em encontrar professores. O mesmo acontecia com os padres Leão da Costa e Domingos da Cunha que reabriram o Externato de São José. Juntámos forças e o Seminário passou a frequentar por com-

pleto o curso dos Liceus. É a esta escola, sobretudo, que se deve o ensino regular do currículo de ensino em Língua Portuguesa, desde a primária ao 7º Ano do Liceu. Alguns dos nossos Ministros e Sacerdotes e muitos funcionários e senhoras timorenses por ali passaram. Foi um «milagre» que tivéssemos conseguido manter tantos anos esta escola de formação lusófona, cristã e nacionalista.

Após Santa Cruz, as forças ocupantes forçaram os responsáveis a fechar, de vez, o Externato de São José. Podíamos dizer: tinha cumprido a sua missão.

Ficam apontados alguns elementos que nos podem dar a entender que a Língua Portuguesa tinha profundas raízes em Timor e que, mesmo com a perseguição a partir de 1975, aquelas raízes tornaram eficiente o esforço da clandestinidade para a promoção deste valor da sua cultura e agora vista como poderosa alma cultural.

Os primeiros 10 anos de guerra foram, muitas vezes, de risco para quem tivesse livros ou fizesse uso da Língua Portuguesa. Nesses primeiros anos, os livros eram escondidos, enterrados, à espera de melhores tempos. Em geral o livro não sobrevivia enterrado, mesmo dentro de sacos de plástico. Era com tristeza que se ouvia o timorense a lamentar que os seus livros tinham apodrecido.

Gramáticas fotocopiadas em Jacarta

Quando começou a ser negligenciada a perseguição cultural, os livros começaram a emergir de variados modos, espalhando-se cautelosamente por toda a parte. E era um tesouro quando apareciam! Naturalmente que eram os livros religiosos os mais desejados.

A compensar a anterior devastação de livros queimados ou estragados, começaram a vulgarizar-se as fotocópias. A princípio com grandes cautelas, ainda que fizéssemos fotocópias em Jacarta. Assim, muitas gramáticas de Ulisses

Machado foram fotocopiadas às dezenas em Jacarta e, por amigos de confiança, trazidas para Díli. Até que, passado o medo ao olho vigilante da Intel, nos lançámos a sucessivas remessas de fotocópias do Ulisses Machado. Era quase um pequeno negócio. Vieram depois os pequenos livros das primeiras classes da Primária. Fomos fazendo sucessivas remessas de centenas desses livrinhos que eram levados aos vários recantos de Timor.

Entretanto, havia em Timor um pequeno livro que certamente arrecada para si a medalha de invencível e de ter chegado a toda a parte e em todos os tempos, e ter chegado às mãos de toda a gente. Até o «bapa» (administrador indonésio) o queria. Era um livrinho de orações, editado ininterruptamente em Braga desde há anos. É o DIA SANTIFICADO. Certamente não há um timorense que ignore este nome. Na verdade, desde 1971, foram chegando a Timor, continuamente, centenas destes livros. Começada a guerra, todos os que passavam por Dare levavam no bolso da camisa o DIA SANTIFICADO. Como era livro religioso, passava mais facilmente. Durante estes 30 anos entraram centenas de milhares que escoavam para todos os lados. Em 1999, à falta de outro livro, o DS servia de livro de «leitura».

Uma revista periódica, a *Cruzada Eucarística*, também tem lugar de honra na promoção da Língua Portuguesa.

Os livros de cânticos religiosos em português foram também mantendo o uso da língua portuguesa.

A semente do português esperava o momento para germinar

Na reflexão sobre assunto de tão transcendente importância, pareceu-me absolutamente necessário fazer aquele giro histórico, para nos apercebermos de que a Língua Portuguesa estava em Timor há mais de 4 séculos, era ensi-



Sala de Leitura Xanana, Díli.
Fotografia de Xanana Gusmão.

nada nas escolas há mais de 4 séculos, e língua de casa de famílias cada vez em maior número, além do ambiente religioso e de festas populares.

Uma língua que foi banida ostensivamente durante mais de 20 anos, proibida nas escolas e que se apresenta viçosa logo a seguir à libertação, mostra que estava mesmo com profundas raízes nos valores culturais mais sagrados deste povo. Os fenómenos dos últimos 5 a 8 anos até agora comprovam que aquelas raízes estavam vigorosas.

A experiência de ensinar a Língua Portuguesa, mais abertamente, mas ainda discreta, anos antes do Referendo, veio a demonstrar vigorosamente que a «semente» da Língua Portuguesa esperava no coração do povo, das crianças e dos jovens o momento para germinar.

Uns 5 ou 6 anos antes do Referendo, começámos em Lahane o ensino da Língua Portuguesa a um grupo de «aspirantes» timorenses para Jesuítas. Embora fosse dedicado a esses jovens... e não faltassem imediatamente profes-

soras voluntárias para ensinar, assim, como que na clandestinidade, logo a seguir, correu a notícia. E começou um fluxo ininterrupto de crianças e jovens para se «inscreverem» no Curso de Língua Portuguesa. Eram às 10, às 20 e 50 por dia as inscrições. Chegámos a número «limite» de alunos, impossibilitados materialmente pelo espaço do lugar. Nem bastou o armazém e o terreno contíguo de um amigo vizinho. Era uma massa de 3.000 crianças e jovens que vinham aprender a Língua Portuguesa.

Não havia qualquer propaganda, não havia facilidade de instalações, e tudo faltava, desde cadernos a lapiseiras, quadros, bancos... No entender de uma «observadora» que fazia parte das incipientes «organizações» internacionais sobre escolas, achava que esta escola de «Lahane» era coisa digna de se ver! Porque até se podia observar a extrema pobreza das crianças.

Foi aqui que muitos começaram a estudar a Língua Portuguesa e os próprios professores (as) sentiam que devíamos continuar com esta escola. Assim se desenvolveu o que temos agora, a Escola da Comunidade de Amigos de Jesus, que ensina a umas 400 crianças, no Ensino Básico, e outra vertente, de cursos só de Língua Portuguesa para uns 300 estudantes voluntários.

O ensino da Língua Portuguesa em Timor, segundo me parece, é uma actividade que brota mais da alma e da vontade do Povo do que de qualquer outra iniciativa. E também poderia acontecer, se agora fosse proibida a Língua Portuguesa em Timor, uma nova «clandestinidade» lhe daria talvez uma força de revolução.

Mas penso também que se devia em todas as escolas, médias e superiores, promover desde já, muito mais intensivamente, o ensino da Língua Portuguesa, para que não estejamos a formar cidadãos que não compreendem bem o novo mundo que vem aí, como as nossas crianças. E em Timor, esta língua é perfumada como o sândalo.